

Abençoados e Condenados: As representações nos escritos demonológicos medievais.

Blessed and the Damned: The medieval representations in writings demonological.

José Lucas Cordeiro Fernandes

Graduando em História pela UFC/ Membro do Valknut

zelucasfernandes@hotmail.com.

Resumo: O cristianismo foi um enorme vetor de mudança na história humana, pois modificou culturas, traços do imaginário, criou e transformou práticas, gerou conflitos, um vetor que redirecionou o rumo da história, mas que acima de tudo é uma prática religiosa com os seus próprios costumes. O cristianismo no seu processo de expansão e conquista do “território” ideológico medieval usou de várias ferramentas, mas uma das principais foi a “pedagogia do medo”, tal prática se aplicava no intuito de converter, de atrair para o bem os indivíduos pertencentes a culturas destoantes do cristianismo, nisto várias deidades se tornaram demônios ou ingressaram no mosaico cultural que é a imagem do Diabo, com isso a figura de Satã se tornou mais forte, ganhando um novo papel na história. A figura de Satã existe desde própria criação do cristianismo, mas a sua força não se mantém a mesma ao longo de sua história. A sua primeira representação iconográfica é vista no século VI, mas a sua grande força ocorre nos séculos XI e XII, graças ao surgimento de uma cultura escrita voltada para as representações e práticas de Lúcifer, assim como da sua história bíblica e suas intervenções em outras histórias. Tais escritos foram fundamentais para determinar a atuação do Diabo e disseminar idéias bíblicas, como o Apocalipse e o Juízo final, proporcionando uma separação entre abençoados e condenados, através de descrição de práticas e do uso da “pedagogia do medo”. A proposta deste trabalho é justamente analisar esses momentos da figura do Diabo, vendo sua evolução a partir do “fator demonizador” promovido pelo cristianismo, como também da produção e da assimilação dos escritos demonológicos que povoaram tão fortemente a mentalidade medieval e de épocas posteriores, buscando identificar um elemento da história desde personagem, que acima de tudo é histórico.

Palavras-chave: Diabo; Idade Média; Escritos Demonológicos.

Abstract: Christianity was an enormous vector of change in human history, because it modified culture, traits of imagination, it created and transformed practices, it generated conflicts, it was a vector that redirected the course of history, but above all it is a religious practice with its own customs. Christianity in its process of expansion and conquest of "territory" ideological medieval it used many tools, but one of the main was the "pedagogy of fear", this practice was applied in order to convert, attracting individuals from clashing cultures of Christianity, in this process, several deities was turned in demons or inserted in the cultural mosaic that is the image of the devil, with that, the figure of Satan became stronger, gaining a new role in history. The figure of Satan has existed since the creation of Christianity itself, but its strength does not remain the same throughout its history. His first iconographic representation was seen in the sixth century, but its great strength is in the eleventh and twelfth century, because of the raise of a written culture focused on the representations and practices of Lucifer, as well as its biblical history and its interventions in other stories. Such writings were fundamental to determine the role of the Devil and disseminate biblical ideas such as Apocalypse and Doomsday, providing a separation between the blessed and damned, through description of practices and the use of "pedagogy of fear." The purpose of this article is to analyze these moments of the role of the devil, seeing his evolution from "Demonizer factor" promoted by Christianity, but also the production and assimilation of written demonological that strongly possessed the medieval minds and in other historical periods, seeking to identify an element of history in this character, which above all is historic.

Keywords: Devil; Middle Ages; Writings Demonological.

“Ninguém pode saber a origem do mal sem ter entendido a verdade sobre o chamado Diabo e seus anjos, e quem ele era antes de torna-se um diabo e como ele se tornou um diabo.”.

Orígenes

A unificação do mal - o cenário de construção da imagética do Diabo:

O Diabo é uma figura histórica que surge juntamente com o Cristianismo, que assim como o mesmo passa por diversas modificações na sua estrutura ao decorrer da sua história devido a diversos vetores e discursos que alteram a figura de tal personagem. Podemos ver a concepção de formação do Diabo no início da produção dogmática da Igreja, onde observamos as obras de Tertuliano no século III, Jerônimo nos séculos IV e V, assim como Santo Agostinho. Quando analisamos os discursos destes três percussores do dogma da Igreja vemos a constante preocupação com o rival de Deus, uma tentativa de compreendê-lo e mostrar a história de tal personagem, usando o mesmo como um vetor de mal.

O Cristianismo é um dos grandes responsáveis pela formação do mal como nos conhecemos hoje, pois foi o mesmo que durante a sua formação dogmática, como no seu processo de conversão, unificou o mal. Os princípios de mal na antiguidade eram bem variados, nos tínhamos diversas representações de maldade, tínhamos deidades para os mais diversos males da sociedade, observamos um mal dividido em várias unidades sagradas e várias representações.¹ A entrada da força do Cristianismo irá personificar o mal em uma só deidade, o Diabo, fazendo o mesmo se tornar um único representante do mal, unificando o mal em uma só força. Tal fato fez o Satã desde o seu nascimento um ser poderoso.

A infância do Diabo é representada por esse momento de formação dogmática da Igreja e da unificação do mal sobre sua figura. Nesta primeira fase nós carecemos de representações sobre como seria essa figura do Diabo, pois não foram encontradas representações pictóricas do Diabo antes do século VI, mas como vimos anteriormente, a sua existência já era clara e poderosa, mesmo ele ainda tão tendo penetrado fortemente na mentalidade medieval.

¹ Ver: RUSSEL, Jeffrey Burton. **O Diabo: As percepções do mal da Antiguidade ao Cristianismo primitivo.** Editora Campus, 1991.

Os estudiosos desdobram-se em esforços para descobrir por que inexistem representações do Diabo anteriores ao século VI. [...] A razão disso, a meu ver, é dupla: confusão acerca do Diabo e um vazio, a falta de algum modelo pictórico passível de ser usado durante o período em que formas de arte e motivos especificadamente cristãos emergiram e se distinguiram das influências clássicas (LINK, 1998, p. 85-6).

Após esse século de carência de referências como mostra Luther Link ², nos tivemos um avanço sobre a produção literária e imagética de Lúcifer, pois o Cristianismo já adentrava as forças do Império Franco desde a conversão de Clóvis I no século V, tal processo favoreceu que essa religião se expandisse junto com o Império entrando em contato com as culturas destoantes e com os mais diversos cultos e deidades, permitindo que o Cristianismo aplicasse seu dogma de unificação do mal no seu processo de conversão, com isso o Diabo ganha muita força, além de muito servos para engrossar suas legiões.

Durante o processo de conversão, o Cristianismo usa dois elementos que foram fundamentais para esse aumento da força do Satã: a “pedagogia do medo” e o fator demonizador. Quando há um processo de choque de duas crenças, as duas disputam pelo território ideológico, ambas buscam mostrar qual das duas tem o caminho da salvação, qual poderá guarnecer o homem após a sua morte, ou seja, a ideia de salvação e que faz que uma seja escolhida ao invés da outra, por isso, o uso desses elementos. A “pedagogia do medo” consistia em um ensinamento através do medo, como o próprio nome já nos revela, era uma prática que consistia em usar medo como ferramenta de conversar, tornar as divindades veneradas em algo que gere medo, algo que faça os seus adoradores abandonarem tais deuses e virem para o lado da salvação e da bondade. Em suma, temos à aplicação do medo como uma ferramenta de conversão e de transformação, ferramenta que possibilita uma formação e reestruturação dos dogmas do Cristianismo, pois tal momento necessitava de uma grande força do discurso, para que esse medo entrasse na mentalidade da população que acabará de encontrar (vale lembrar que esse contato é todo apoiado por uma força militar vinda dos Francos, assim

² Ver: LINK, Luther. **O Diabo: a máscara sem rosto**. Editora Cia. das Letras, 1º Ed, 1998.

como de outros reinos que se convertiam, logo temos um força que faz que a persuasão se torne bem mais aceita, ou até imposta) ³.

Esse medo que transformava, fez que o dogma de unificação do mal fosse aplicado, logo, as deidades opostas eram postas nos discursos como servos ou como uma representação do próprio Diabo, como isso nós temos toda uma demonização das divindades que o Cristianismo entrava em contato, temos como isso o fator demonizador. A aliança entre a “pedagogia do medo” e o fator demonizador possibilitava um verdadeiro processo de unificação do mal e torno de Lúcifer, assim como uma destruição dos cultos e práticas vigentes nas regiões que a Igreja adentrava.

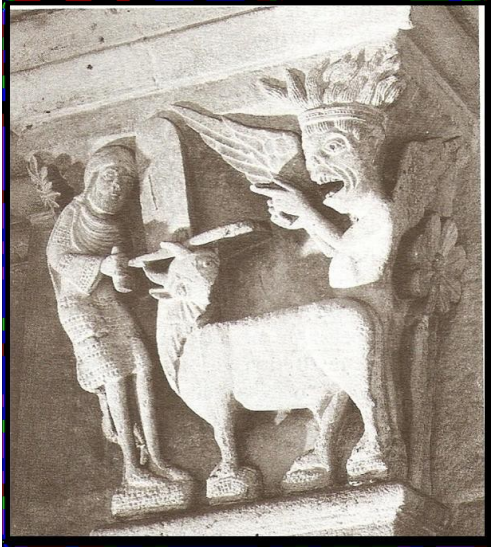
Podemos analisar diversos exemplos para compreender melhor tal prática. Um caso interessante é o de Bes (Ver Imagem I):

“[...] era considerado uma divindade menor no panteão dos deuses egípcios, porém seus ídolos foram encontrados em mais casas do que qualquer outro deus. Bes não era uma deidade exclusiva do Egito. Sua figura pôde ser encontrada na Mesopotâmia, Cartago e Fenícia. Sua caracterização e seus atributos sempre foram feios. Sua face assustadora não foi, contudo, associada a promover ou estar relacionada com a concepção de mal entre os egípcios. Na verdade, Bes era um deus de proteção contra maus espíritos.” (ALMEIDA, 2010, P.28)

Nível de adoração de Bes fez com que houvesse um foco em mudar a sua imagem no intuito de torna - lá maligna, ele simplesmente adquiriu uma função totalmente oposta a que tinha no Egito, antes protegia contra os maus espíritos agora ela ingressava ao panteão que outrora combatia.

³ Sobre a pedagogia do medo, ver: NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

Imagem I



Podemos ver a influência nessa imagem de Bes (superior direito) na iconográfica do Diabo, onde temos o Satã influenciando na história do bezerro de ouro de Moisés. St. Lazare, Autun. Início do século XII (LINK, 1998, p. 75).

Outras deidades também passaram por esse mesmo processo. Cernunnos, divindade celta da selvageria e da natureza, assim com o deus grego Pã. Este serão os grandes responsáveis pela adoção das características mais comuns do Diabo como nós o imaginamos: cascos fendidos, barba de bode, corpo peludo, chifres, dentre outras. O caso do deus Pã teve uma associação um pouco diferenciada, já que um contato com um culto de Pã deve ter sido pouco provável. Sua aliança com a imagem do Satã ocorreu por uma interpretação dos escritos de Isaías feita por Jerônimo. Isaías descrevia a Babilônia em total ruína, e nela dançavam os peludos, ao ler isto, Jerônimo o associou diretamente com os sátiros, indivíduos que ele chamou de servo do Diabo e demônios luxuriosos. Tal interpretação foi mantida na bíblia do Rei Jaime, o que permitiu uma progressão da interpretação de Jerônimo. (LINK, 1998, p.54). Temos o contato também como deidades muito antigas, como Pazuzu do I milênio a.C., assim como a própria Bes. Podemos observar esses mesmo preceitos no deus nórdico do fogo e da trapaça, Loki, deidade que já representava o mal (como Pazuzu) é que por tal fator passa a adentrar a imagem do Diabo, onde podemos ver enormes semelhanças entre o Diabo cristão e as histórias de Loki nas sagas e eddas. Existem inúmeros exemplos que ainda poderíamos citar, como: Ziz, Leviatã (esse que junto com Behemoth formaram uma tríade demoníaca), Ba'al, Asmodeus, Moloc, Nergal, Belphegor e etc. Estes exemplos servem para mostrar o quanto essa fase de “infância” foi importante para a fomentação e

aumento do poder do Diabo, tal fato que será de grande responsabilidade pelo nascimento de uma maior produção literária, pois esse “fator demonizador” faz que o imaginário seja povoado, permitindo que o Diabo passasse a ser pensado, fosse transformado em um objeto de estudo.⁴

Nós estamos penetrando em um espaço onde o Diabo ainda será visto como um vetor histórico feito por sujeitos históricos, mas já com certa autonomia, podendo até identificar o mesmo como sujeito histórico, apesar de isso tão ser tão cristalizado. Esse processo ocorre mais fortemente após a produção de um grande número de escritos demonológicos entre os séculos X a XIII, onde teremos diversos estudos sobre o Diabo, formando toda a construção de sua história, sujeitos que darão vida a um futuro sujeito da história.⁵

Para podermos compreender o porquê dessa força na tradição literária sobre o Satã nós temos que compreender o porquê da produção destes escritos. Nós sabemos que o Diabo unifica o mal e povoa o mundo cristão de demônios, o fator demonizador é sem dúvida um dos grandes responsáveis por tais escritos, pois não é uma prática específica de um pequeno espaço temporal, ele existe, assim como a “pedagogia do medo” em praticamente toda a história do catolicismo e do cristianismo, ou seja, temos uma constante renovação, rememoração e engrandecimento do poder do “príncipe deste mundo”.

Outro fator fundamental foi à cisão dos dogmas internos da Igreja, ou seja, a formação de heresias, estas que desde o século IX estarão frequentemente em ascensão. A formação destas heresias ocorre pelo mais diversos motivos que não cabe neste momento analisar.⁶ Temos esse fato do medo das heresias e mais um valor de rememoração da “pedagogia do medo” e do fator demonizador, pois os hereges serão imbuídos de uma presença ameaçadora que os atrelara ao Diabo, dando todo o caráter diabólico que é tanto visto sobre as heresias medievais.

⁴ Para mais informações sobre o contato do Cristianismo com povos “pagãos”, ver: VEYNE, Paul. **Quando o nosso mundo se tornou cristão**. Lisboa: Edições texto & grafia, 2009.

⁵ Pensar o Diabo como sujeito histórico surge dentro do desenvolvimento de outra pesquisa, pois é algo muito estimulante, mas desafiador, pois pensar em algo, que não é concreto, algo que acima de tudo é construindo como tendo vida própria requer uma grande compreensão do imaginário e da penetração desse indivíduo (sujeito histórico) dentro de tal espaço cultural.

⁶ Para mais informações sobre heresias no período tratado, recomendo em português, ver: FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. Editora perspectiva, 1º Edição, 1976. Em inglês, ver: LEFF, G. **Heresy in the Later Middle Ages** (1967); LAMBERT, M.D. **Medieval Heresy** (1977); MOORE, R.I. **The Origins of European Dissent** (1977); PETERS, E. **Heresy and Authority in Medieval Europe** (1980)

Pode-se datar do fim do século XII, o momento em que, devido, sobretudo à acentuação das ameaças heréticas, se passa de um estado de relativo equilíbrio na matéria a uma acentuada preocupação pela ação diabólica. A amplitude das ameaças com que se acha confrontada a Igreja, com os Bogomilos^[7], os Valdenses e os Cátaros, sem esquecer a pressão turca e a presença dos judeus, explica em parte a atenção obsessiva que é dada ao Diabo. Como muito bem viu Jean Delumeau, instala-se na cristandade um medo difuso que ajuda a criar a idéia de que está em curso um ataque concertado contra o cristianismo, um ataque conduzido por uma potência sobrenatural, pelo inimigo, o Diabo. (MINOIS, 2003, p. 68).⁸

Outro ponto de grande influência sobre essa produção dos escritos demonológicos foi à invasão do império árabe sobre a Europa, ou seja, temos uma efervescência da guerra que por conseqüência gera o medo é o pavor, tal característica que remonta ao Diabo, devido ao fato da constante prática da “pedagogia do medo”. Com isso vamos ter um também diabolização dos sarracenos (Ver Imagem II), fazendo crescer ainda mais o medo do Diabo, sua força, assim como sua capacidade de penetração no imaginário da população medieval.

Imagem II



“Sarracenos disfarçados de diabos perturbando o exército de Carlos Magno, de Grande Chroniques de France, século XIV” (LINK, 1998, p.85).

⁷ “A diabolologia era o pensamento central de Bogomil”, pois ela era uma heresia de cunho dualista, ou seja, da existência de duas forças conflitantes, o bem e o mal, sendo essa maldade representada por Satã. Eles apresentam Satanael como criador do universo que vivemos, “é o Deus Criador do Antigo Testamento, e uma entidade perversa o bastante, pois, para criar este mundo material com sua grosseria, miséria e sofrimento, deve ser má.” (RUSSEL, 2003, p.42).

⁸ MINOIS, G. **O Diabo: origem e evolução histórica**. Lisboa: Terramar, 2003.

Jean Delumeau, em sua obra, *A história do medo no ocidente*,⁹ nos mostra como esses fatores foram fundamentais para a formação dos escritos demonológicos, pois foi através deles que a Igreja justificava suas ações, transformando qualquer percalço em seu caminho em uma associação direta com o Diabo, para poder destruí-lo e lutar contra os mesmos. Vale lembrar que em períodos de peste, ou longas guerras (como a dos 100 anos, 1337-1453) a figura do Diabo se revigorava com mais produção sobre a sua capacidade de interferência na vida humana, assim como o modelo de “pedagogia do medo” se matinha, permitindo o mantimento do controle ideológico.

A cultura escrita demonológica - as concepções do Satã no medievo:

Observamos o que nos fora descrito acima toda uma formação do cenário medieval que forma e engrandece o Diabo, mas quem são os sujeitos que formam esse outro “sujeito histórico”? Como e em qual situação houve a produção destes escritos? E por qual motivos certos escritos são considerados demonológicos?

Para desenvolver melhor metodologicamente o que seriam esses escritos, recorreremos à definição de demonologia do historiador Carlos F. Nogueira: “Estudo dos demônios, sua organização dos poderes e atributos que correspondem a cada entidade maléfica, bem como as relações como os homens.”¹⁰ Ou seja, nós temos como definição deste escritos algo que represente a cultura escrita e que tinha nas suas representações conceituações que tratam de tais pontos sobre o Diabo. Temos que abrir uma ressalva para a compreensão de que escritos demonológicos não são escritos de demonólogos, mas sim escritos que abordam tais conceitos, visto que os demonólogos abordam o Diabo de uma outra forma, uma concepção mais científica, além do fato de termos diversos debates historiográficos sobre o que são esse demonólogos, por isso, vamos nos ater aos aspectos da cultura escrita e do contexto dos seus autores, mas sem penetrar na discussão se os mesmos são ou não demonólogos.

Nos primórdios do Cristianismo, nós temos já um grande interesse em perceber os mais diversos conceitos sobre o Diabo. Temos Tertuliano no século III, assim como

⁹ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**, 1300-1800: uma cidade sitiada. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009.

¹⁰ Para facilitar a compreensão do leitor trabalharei na mesma seqüência apresentado no termo: estudo de demônios, organização, poderes e atributos e a relação com os homens, apesar de que todos estão de certa forma inseridos dentro do outro.

Jerônimo, Orígenes e posteriormente o Santo Agostinho, Dionísio e outros. A produção inicial desse Cristianismo primitivo e mais de formação dogmática e histórica, classificando a mesma como uma clara aceção do de escritos demonológicos acima.

Tertuliano será um dos grandes responsáveis pela formação da corrente misógina medieval, pois fará relações freqüentes do Diabo como a mulher. Ele trará uma nova interpretação sobre a queda do Diabo. Para ele, Lúcifer havia caído por causa da luxúria e não por causa do orgulho como tanto sabemos. Ele se baseia no Enoque, escrito que existia na bíblia,¹¹ onde nele se fazia menção do sexo dos anjos com filhas dos homens, onde o mesmo traz uma nova interpretação do gênesis sobre a luz do Enoque.

O pecado do Diabo, portanto não foi o orgulho. O pecado do Diabo foi a luxúria. Demônios e diabos foram criações da união sexual entre anjos lúbricos e mulheres [...] Justino, martirizado em Roma em 165 d.C., explicou que alguns anjos violaram a ordem apropriada das coisas, cederam a impulsos sexuais e tiveram relações sexuais com mulheres cujo os filhos são demônios. (LINK, 1998. p 35)

Podemos observar que já temos uma conceituação diferenciada de onde vieram esses demônios e o próprio Diabo. Esses demônios de acordos com os escritos Justino, seriam os responsáveis; por doenças, assassinatos, adultérios e os mais diversos males. Ou seja, já podemos identificar uma produção demonológica no início do Cristianismo, onde temos referência aos seus poderes, suas origens e sua força para como o homem.

Analisando Jerônimo, outro dos primeiros padres, vemos algo que foi de fundamental importância para a representação imagética e iconográfica do Diabo. “Jerônimo chamou os sátiros e faunos de símbolos do Diabo, demônios lascivos, e quando Isaías descreveu a Babilônia em ruínas como um lugar onde dançavam os ‘peludos’[...] Jerônimo interpretou como referência aos sátiros”. Tal aceção de Pã como demônio entra tão violentamente nesse aspecto de fator demonizador que após o século VI ele será a maior permanência de figura iconográfica do Diabo, lhe emprestando os chifres, cascos fendidos, barba, corpo peludos, corpo nu, coloração e outros demais, tornando-se a referência na busca de estudos dos pintores e escultores.

¹¹ Escrito que pertencia a bíblia até o século IV. Texto considerado sagrado por: Judas, Clemente, Barnabé, Tertuliano e outros padres “primitivos”

Isso ocorreu, pois temos essa interpretação repassada para a Bíblia do Rei Jaime, uma das mais divulgadas no medievo (como já vimos anteriormente). Ou seja, nós temos um escrito que foi fundamental para imagem do Diabo, assim como para a formação de uma referência imagética que quebra com o vazio (vazio no sentido de representação iconográfica) que existia antes do século VI (Ver Imagem III). Podemos concluir que temos um escrito demonológico, visto que temos uma clara representação de criação/organização de demônios e de seus poderes. Já que o modo que ele faz essa comparação com os sátiros e para deixar claro que o Diabo possui poder, mas que sua força esta no pecado, pois esse o sentido da história da Babilônia, a queda através do pecado.

Imagem III



Podemos observar a semelhança de Pã como clássica representação do Diabo no século XIII, caracterizando a permanência desta tradição pictórica.¹²

Santo Agostinho é sem dúvida um dos grandes escritores do período e um dos grandes responsáveis pela guerra contra o pagão e os modelos de demonização e da “pedagogia do medo”¹³. A sua contribuição para os escritos são enormes, pois temos

¹² À esquerda: “Pã e o bode, século I a.C., estatueta de Herculano: uma fonte clássica para os chifres, a barba, nariz achatado, orelhas pontudas e parte inferior do corpo peluda do Diabo. Museo Nazionale, Nápoles.” (LINK, 1998, p. 54); À direita: Ilustração da página 290 do Codex Giga do século XIII, retirado: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/27/Codex_Gigas_devil.jpg, acessado às 23h24min do dia 03/10/2012.

¹³ Ver: Agostinho; FEDERAÇÃO AGOSTINIANA BRASILEIRA. **A cidade de Deus: contra os pagãos**, parte I : livros I a X /. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo, SP: Federação Agostiniana Brasileira, 2009.

diversas formas de ver seus escritos e estudos sobre a própria concepção de mal (a concepção de mal está diretamente ligada ao Diabo, mas existem diversos pontos que por motivos de recorte não poderemos trabalhar). Acredito que um dos grandes exemplos que podemos citar sobre os seus diálogos sobre o mal e seus estudos sobre o Diabo é a criação do termo Lúcifer. É necessário vermos o momento de criação deste termo, pois estávamos em um momento que os estudiosos buscavam responder um paradoxo: Se Deus é só bondade como ele poderia criar algo mal, que é o Diabo; Se Ele não o fez, Ele não criou tudo; Se Ele o fez mal não pode ser só bondade. No intento de resolver tal impasse, Santo Agostinho, mais fortemente, pois Orígenes já havia trabalhado tal ideia, busca em Isaías (14,12) uma passagem, onde ele reinterpreta para adequar sua explicação e comprava-la através do escritos sagrados. “Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho de Alva! ’ Isaías não estava falando do Diabo. Usando imagens possivelmente retiradas de um antigo mito cananeu, Isaías referia-se aos excessos de um ambicioso rei [...]” (LINK, 1998, p.24). Ele usou tal passagem para justificar que Deus cria tudo bom, mas que o livre arbítrio permite o homem (anjo) se transforme em mal, resolvendo o paradoxo apontado.

Podemos fazer referência ainda a grandes pensadores, como John Climacus, Damasceno, Confessor, entre outros que durante os séculos VI-VIII serão grandes responsáveis por um desenvolvimento do Diabo, mas com destaque temos que falar de Dionísio, pois será a grande influência dos pensadores do período. Ele apresentará a primeira hierarquia detalhada dos anjos, onde ele destaca a posição de Lúcifer como o posto mais alto, os Serafins (RUSSEL 2003, p.29). Podemos ver um intento de representar uma história do Diabo, através de uma hierarquia angelical.

Durante a Idade Média também temos a formação de uma conceituação da hierarquia infernal, onde temos a produção de Michael Psellos (1018-1078), conselheiro influente da tribuna imperial e grande líder do renascimento na universidade do século XI e grande professor de filosofia. Ele trazia os moldes da hierarquia demoníaca, mostrando claramente como no inferno há uma organização, um corpo profano voltado para nos atormentar. O posto mais alto era os *leliouria*, da esfera do ar rarefeito além da lua. Depois os *aeria*, demônios do ar abaixo da lua; o *chthonia*, que habitavam a terra; o *hydrara* ou *enalia*, que vive na água; o *hypochthonia*, que vive sobre a terra; e mais abaixo, os *misophaes*, aqueles que são fotos fóbicos e cegos, nos mais profundo do

inferno.¹⁴ Estas castas existiam em todos os lugares com o intuito de acabar e destruir os planos de Deus.

“Os demônios mais altos agem diretamente sobre os sentidos humanos e indiretamente sobre o intelecto; usando sua ‘ação imaginativa’, ‘phantastikos’, provocam imagens em nossas mentes. Os demônios mais baixos têm mentes como a dos animais. Estes espíritos [...] precipitam-se cruelmente sobre nós, causando doenças e acidentes fatais, e nos possuindo. É por isso que as pessoas possuídas freqüentemente exibem um comportamento animal.” (RUSSEL, 2003, p. 38)

Com isso podemos ver uma produção que nos trabalha os mais diversos fatores apresentados no conceito de demonologia, tornado claro esse texto dentro dos preceitos.

No século posterior nos vamos ter o surgimento da Escolástica:

[...] No século XII, os escolásticos estavam coligindo Sentenças, que eram citações ou sumários de dogmas compilados da Bíblia e da literatura patrística; ao interpretá-los (*expositio, catena, lectio*), eles adotaram gradualmente uma discussão sistemática de textos e problemas (*quaestio, disputatio*). Isso deu finalmente lugar a um sistema que tentou oferecer uma visão abrangente da “toda a verdade atingível” (*summa*), um desenvolvimento que coincidiu com um claro progresso no sentido da autonomia intelectual, com pensadores da envergadura de Alberto Magno e Tomás de Aquino [...] Tomás de Aquino, por exemplo, acreditava que só a razão era necessária para entender verdades básicas acerca de Deus e da alma, embora a revelação divina ampliasse tal conhecimento. [...]¹⁵

Os escolásticos trabalharam os mais diversos fatores sobre o Diabo e seu papel na sociedade dos homens e na celestial, no intento de buscar a razão na queda de Lúcifer, na sua ação sobre os homens. Em suma, eu vejo esse movimento como sendo

¹⁴ Nome usado para representar o Diabo antes da queda, já que continha o sufixo El, que significa divino, nome comum na linguagem do bogomilismo. Essa concepção de hierarquia é apenas uma de várias do medievo, assim como ocorreu com a hierarquia dos anjos.

¹⁵ LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

um dos responsáveis por pensar Satã nas suas mais diversas acepções, assim como seu panteão de demônios.

“O príncipe deste mundo” – O Satã está em todo lugar:

Um ponto peculiar dessa cultura escrita é a produção referente aos números e a penetração do Diabo no seio social do homem. A sua força no imaginário está enorme, pois eles foram alimentados pelo mais diversos discursos, se tornando uma figura muito popular no imaginário; o grande inimigo, o destruidor, aquele que representa todo mal. Sobre essas acepções que apareceram escritos que confirmem essa pertença do mundo ao Diabo.

Com o objetivo de auxiliar os sacerdotes na detecção da presença demoníaca, os teólogos enunciaram uma relação das manifestações indicativas da possessão diabólica:

1. quando o suspeito não conseguisse comer carne de cabra no espaço de trinta dias;
2. quando o indivíduo apresentasse fisionomia assustada, olhar espantado e aspecto hediondo [...] ¹⁶

Nesta lista nos vemos os mais diversos termos e “dicas” de como identificar o Diabo. Quando analisamos todos os pontos apresentados pelo Nogueira nós temos a certeza de que praticamente tudo pode ser visto como Diabo, ao ponto de vomitar após comer representar possessão, doenças que não cessam, doenças desconhecidas, até se o indivíduo tiver um olhar espantado ele pode ter um diabo no corpo. Neste mesmo preceito nós temos os escritos que criam a ideia da “Marca do Diabo”, seria uma representação na pele que seria a marca de entrada dos demônios no corpo possuído. Tal marca poderia ser um simples sinal, como uma cicatriz, tornando passível de interpretação quase tudo como uma marca de entrada do demônio.

Outro ponto é a questão do número de demônios existentes, assim como muitas coisas na “história do Diabo” nos temos diversas interpretações, mantendo o Diabo como tendo uma tradição de não ter uma tradição definida. Identificamos números compostos

¹⁶ Devido ao tamanho da lista não a colocarei toda, ver: NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, 1986, p. 49-53

de 6666 legiões cada qual contendo 6666 anjos, dando uma somatória de 399.920.004 anjos, mas se um terço deles caíram e se tornaram demônios, nós teríamos 133.306.668 demônios. Mas para Pelbartus de Temesvar havia caído apenas uma das nove ordens, ao invés de um terço, o que daria 44.435.556 demônios.¹⁷ (NOGUEIRA, 1986, p.61-62).

Esses demônios estavam desde o pão que Judas comia na ilustração do evangelho de Henrique III no século XI (RUSSEL, 2003, p. 41), até ao controle dos grandes guerras e eventos, com isso temos o Diabo dominado diversas esferas: os corpos, as mentes, os imaginários, a cultura escrita, as guerras, e etc. Temos um Diabo poderoso que passa a ganhar certa autonomia e poder, que passa povoar o real saindo do imaginário, que passa a ser um sujeito histórico construído por outros sujeitos. Em suma, esses escritos são os fortalecedores das mais diversas formas o Diabo.

Considerações Finais:

O intento do trabalho é mostrar como esse Diabo ganhar força como uma produção da cultura escrita, mostrando como o mesmo penetrou e se cristalizou no imaginário, tentando abrir espaços para pesquisas e demonstrar fontes sobre o tema. A grande influência dessa representação do Diabo, o poder da cultura escrita, e quando nessa perspectiva do Diabo nós temos referências imagéticas que saem do imaginário para o real, como o oposto, ou seja, temos o Diabo assumindo uma grande esfera no seio da sociedade. Essa unificação do mal e definição do Diabo fazem com que sejam definidos os Abençoados e os Condenados, permite que se crie uma concepção detalhada do que é esse novo mal cristão, representando por Satã, permitindo que surja uma nova onda de medo escatológicos que é tão recorrente no medievo. O que nós podemos compreender sobre o Diabo é que ele é acima de tudo uma figura histórica que é um reflexo do seu tempo, e que no nosso período estudo, foi um dos seus grande ápices, fazendo o mesmo nascer poderoso, já nasce como o dono do mundo, fazendo ele definir, e seus construtores, quem seriam os salvos, e como seria para alcançar a salvação, como está entre os braços da vida eterna.

¹⁷ Sobre esses números, ver: Idem, p.61-66.

Referências Bibliográficas:

Agostinho; FEDERAÇÃO AGOSTINIANA BRASILEIRA. **A cidade de Deus:** contra os pagãos, parte I: livros I a X /. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo, SP: Federação Agostiniana Brasileira, 2009.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BLOCH, Howard. A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental. Rio de Janeiro, Ed 34, 1994.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio Franca e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009.

_____. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente, séculos 13-18**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. Editora perspectiva, 1º Edição, 1976.

FRANCA, Eurico Nogueira. **A arte da música através dos tempos: ensaios histórico-criticos sobre a música do ocidente**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1990.

FRANCO, Hilário. **A Eva Barbada: Ensaio de mitologia medieval**. Edusp, 1997.

FLUSSER, Vilém. **A história do Diabo**. Editora Annablume, 3ª Ed, 2008

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

_____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

KELLY, Henry Ansgar. **Satã: uma biografia**. Editora Globo, 2008.

LINK, Luther. **O Diabo: a máscara sem rosto**. Editora Cia. das Letras, 1º Ed, 1998.

LE GOFF, Jacques. **As Raízes medievais da Europa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **O Imaginário Medieval**. Editora Estampa 1994.

_____. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval**. Editora 70, 1990.

LOYN, Henry R. **Dicionário da Idade Média**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

MESSADIE, Gerald. **A História geral do Diabo**. Editora Europa, 1ºEd, 2001.

_____. **A História geral de Deus**. Editora Europa, 1ºEd, 2001.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do Diabo**. Editora Contexto, 1ºEd, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Bruxaria e História**. Editora UNESP, 1edº, 2008.

MINOIS, G. **O Diabo: origem e evolução histórica**. Lisboa: Terramar, 2003.

PIERONI, Geraldo. (org.). **Entre Deus e o Diabo**. Editora Bertrand Brasil, 1º Ed, 2007.

RISCO, Vicente. **Satanás: A história do Diabo**. Editora Porto, 1946.

RUSSEL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. Editora Masdra, 2003.

_____. **O Diabo: As percepções do mal da Antiguidade ao Cristianismo primitivo**. Editora Campus, 1991.

_____; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. Editora ALEPH, 1edº, 2008.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens: Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa moderna**. São Paulo: Ática, 1987.

STANFORD, Peter. **O Diabo: uma biografia**. Editora Gryphus, 2º Ed, 2003

VEYNE, Paul. **Quando o nosso mundo se tornou cristão**. Lisboa: Edições texto & grafia, 2009.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX**. Sao Paulo: Ática, 1997.